
ENUNCIÇÃO

REVISTA DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFRJ

A noção de inclinação e seus sinônimos na antiguidade: investimentos de um quase-conceito

Luciano Torcione Serra*

Resumo: Os vários investimentos do termo, da noção e do conceito de inclinação perfazem um traçado significativo na história do pensamento antigo, com inflexões na modernidade. O termo, ou isto que não chegaria a se manifestar como um conceito, ganha múltiplos sentidos naquelas formulações: ora físicos, ora fisiológicos, além de psicológicos ou cosmológicos. Suas formas de apresentação são também desiguais, variando entre um conceito que, no entanto é sinônimo, em alguns autores, com seus aspectos ou codificação para tradução; passando por ação auxiliar para formulações que têm necessidade de sua generalidade, no entanto acrescentando-lhe notas e complexidade como noção emprestável; e configura-se, por estas atribuições e subtrações, como um quase-conceito. Este breve apanhado restringe-se a delinear sentidos e como os pensadores os empregam.

Palavras-chave: Inclinação, arrepsia, clinamen, graça, quase-conceito.

Abstract: The various investments of the term, the notion and the ‘inclination’ concept make a significant tracing in the history of ancient thought, with inflections in modernity. The term, or this which would not manifest itself as a concept, gains multiple meanings in those formulations: sometimes physical, sometimes physiological, either psychological or cosmological. Its forms of presentation are also unequal, varying between a concept that however is synonymous, in some authors, with its aspects or codification for translation; passing through an auxiliary action for formulations that need its generality, nevertheless adding notes and complexity to it as a loanable notion; and constitutes, by these attributions and subtractions, as a quasi-concept. This brief catch is confined to delineating directions and how thinkers use them.

Keywords: Inclination, arrhepsy, clinamen, grace, quasi-concept.

* Doutorando em Filosofia pela UFRJ. Contato: lucianotorcione@gmail.com

Com vários investimentos nos textos filosóficos, o termo inclinação e seus sinônimos destacam-se em diversos problemas, contextos e autores¹, sem parecer associar-se definitivamente a algum destes de modo específico². Sabe-se que pode ser associado às discussões filosóficas e morais de Aristóteles³ a Kant⁴, mas nestes trabalhos o termo não é solicitado com a exigência necessária que o destacasse como um conceito, ou que, mais geralmente, possa tráfegar na história do pensamento com identidade suficiente para sua eleição num léxico geral ou associado ao autor de modo exclusivo. Liberdade de tradução e sinonímia, pluralizando sua eficiência numa escala de pensamento que se imbrica com a literária e relançador do foco a eventual conceito mais importante a que serve como escada, ou que subssume sua função com outro nome, são condições acrescidas que fazem escapar ao termo a sua característica conceitualidade. Poderíamos retratar opcionalmente essa condição como a de um conceito de segundo plano, como a crítica pudera dizer de algum autor postando-o no limite inferior de um grupo de autores⁵, e de fato esta solução bastou por muito tempo, em modo indireto de contrastar o elenco seletivo de termos conceituais expoentes em cada caso. Algumas distinções levadas a termo recentemente, no entanto, indicam um outro caminho de abordagem: noções como *conteúdo não conceitual*⁶, quase-partícula

1 Que exporemos brevemente aqui, no âmbito do pensamento e filosofia da antiguidade avançando até Agostinho mencionando ainda obra pré-crítica de Kant que refere a inclinação em Demócrito e implicitamente o *clinamen* de Epicuro.

2 Como um verbete, o termo não parece conseguir reconhecimento que considere a diversidade de investimentos que abarca, nocionais e conceituais.

3 Por exemplo na *Ética a Nicômaco*, onde o termo tem traduções habituais como *propensão* (*propensity*)

4 Mencionaremos *en passant* os sentidos presentes na obra pré-crítica *Sobre o céu*.

5 Cf. John Burnet. *Aurora da filosofia grega*.

6 Por exemplo: “Pode-se pensar que estamos diante de um problema terminológico: por que não decidir que conceitos são habilidades de reidentificação e de organização da experiência, de tal modo que seria claro que animais e bebês os possuem? Alva Noë aplica o vocabulário conceitual a todos os casos que Evans chamaria de teoria primitiva da percepção: conteúdos perceptivos entram na organização da ação, ou antes, a percepção é ela mesma parte da atividade da exploração do mundo, envolvendo atenção, interesses etc., e por essa razão devemos admitir pelo menos uma atividade “quase-conceitual” na organização da percepção” e mais a frente no mesmo trabalho: “A experiência envolve uma atividade, requer atenção e está conectada aos interesses e ao que sabe e acredita aquele que percebe. Essa organização da percepção permite a exploração seletiva da miríade de detalhes das situações nas quais nos encontramos. A dependência da percepção da atividade daquele que percebe leva Alva Noë a falar do seu caráter “quase-conceitual”, como já foi dito: “[...] o que é visto depende da atividade da parte daqueles que percebem que é pelo menos *quase-conceitual*. A atenção parece ser direcionada pelos percipientes a partir da sua compreensão do *sentido* ou *significado* do que vêem” Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2004000200004, acesso em março-2019.

(*quasiparticle*), *quasi-experiment* e *quasi-category*⁷, poderiam habilitar, transpostas ao nosso tema, a expressão *quase-conceito*⁸.

Com este breve estudo visamos, além de delinear seu uso por diversos autores, detalhar a um só tempo a coesão esparsa e a identidade multiforme da noção de inclinação, tal como se apresenta, não evidentemente, em diversos textos, autores e preocupações. Neles, a inclinação comporta ou imprime sentidos que serão ditos tanto físicos tanto quanto psicológicos, e ainda cosmológicos quanto teológicos, compondo a polissemia e polimatia da noção, que parece, por isso mesmo, excluí-la de uma importância localizada, endereçável, legando-a assim a este universo das noções-ferramenta, quase-noções.

1. Hipócrates

Começemos por um uso em Hipócrates (460-377) que foi encontrado e estudado por Robert Joly (1991) assim como pela reutilização em Luciano de Samosata (125-181):

Na mulher o sofrimento começa assim. O sangue se complica e se esquenta fortemente por causa dos vigorosos movimentos da criança; assim complicado, ele sai logo; e depois da criança, sai um humor espesso e sanguinolento que abre passagem (ὀφίγησις) aos *lochies*, **como à água sobre uma mesa...**⁹

O sentido físico e científico desta expressão está também em *Maladies IV*, que é a sequência de *Geração e Natureza da criança 2*,

é como se alguém enchesse de óleo uma bolsa de couro de gargalo estreito e a virasse completamente, de boca para baixo; nessas condições, o óleo não poderá sair pois fica estrangulado, sendo abundante e compacto; mas se inclinamos a bolsa não haverá mais estrangulamento no gargalo e o óleo sairá. Será o mesmo para a **água sobre uma mesa**. Do mesmo modo, quando um humor

7 Cf. Jacob Lurie (2009). “On the Classification of Topological Field Theories” que refere “which is characterized by the existence of natural quasi-isomorphisms” (p.93 de 111) ou ainda: “D is the differential graded category of quasi-coherent complexes on a smooth projective variety X” (p. 93 de 111). Disponível em: <<https://arxiv.org/abs/0905.0465>>; acesso em mar-2019.

8 Ou na sociologia, cf. Paul Bernard, Social cohesion: a dialectical critique of a quasi-concept. Disponível em: <<http://www.omiss.ca>> acesso em mar-2019.

9 Cf. Hipócrates, *Natureza da criança*, XVIII, 3; *apud* Robert Joly, 1991. Tradução e ênfases nossos.

superabundante no corpo se fixa por efeito da complicação em um lugar e enche as veias, ela não sai até que se faça um vazio devido à doença que consome o alimento. (ênfase nosso)¹⁰

O contexto é explicado pelo mesmo autor:

A obra em questão é plena de comparações desenvolvidas que detalham frequentemente tipos de experiências científicas, se bem que a primeira ideia dos críticos — e a única, na verdade — havia sido a de que “água sobre a mesa” devia ser uma das numerosas experiências indicadas pelo autor, uma experiência que, nas duas passagens citadas, ele não precisaria qual fosse.¹¹

Joly encontra esta expressão, ‘como água sobre a mesa’, em Luciano de Samosata. O sentido de volubilidade, de liquidez que serve para atender a qualquer inclinação direcionadora que se faça ou se sofra, está agora explícito em termos muito humanos e psicológicos:

No *Hermitimo*, uma obra-prima carregada, ela também, de comparações, há um momento onde Luciano recomenda de novo um espírito crítico, vigilante; lê-se nesse texto:

καὶ εἴ ποτε τοιαύτην τινὰ δύναμιν καὶ τέχνην πορισάμενος ἦεις ἐπὶ τὴν ἐξέτασιν τῶν λεγομένων: εἰ δὲ μή, εὖ ἴσθι ὡς οὐδὲν κωλύσει σε τῆς ῥινὸς ἔλκεσθαι ὑφ’ ἐκάστων ἢ θαλλῶ προδειχθέντι ἀκολουθεῖν ὡσπερ τὰ πρόβατα, μᾶλλον δὲ τῷ ἐπιτραπεζίῳ ὕδατι εὐκίως ἔση, ἐφ’ ὃ τι ἂν μέρος ἐλκύσῃ σέ τις ἄκρω τῷ δακτύλῳ ἀγόμενος, ἢ καὶ νῆ Δία καλάμῳ τινὶ ἐπ’ ὄχθη παραποταμῖα πεφυκότι καὶ πρὸς πᾶν τὸ πνέον καμπτομένῳ, κἂν μικρά τις αὔρα διαφυσήσασα διασαλεύσῃ αὐτόν

Oxalá vás para o exame das doutrinas apetrechado com uma tal capacidade e técnica; caso contrário, fica certo de que nada obstará a que qualquer um deles te arraste pelo nariz, ou a que vás atrás dum raminho que te pдем na frente, como os carneiros; melhor ainda, ficarás comparável a [uma pouca de] água derramada sobre uma mesa (τῷ ἐπιτραπεζίῳ ὕδατι): conduzido para onde quer que te arrastem com a ponta do dedo; ou então, por Zeus!, [tal qual] uma cana que cresce na margem dum rio: dobrada ao sabor de todos os ventos, até mesmo uma leve brisa que sopra a fará abanar.¹²

10 Seguimos a nota de Robert JOLY: “Cf. *ibid.*, pp. 9-13. Aqueles que não admitem a unidade do conjunto admitem mais frequentemente e decididamente a unidade do autor — e é o essencial”.

11 Cf. Joly Robert. *L'eau sur la table. Lorsque Lucien éclaire Hippocrate*. In: *L'antiquité classique*, Tome 60, 1991. pp. 208-213.

12 Luciano, *Hermitimo ou as escolas filosóficas*, 68; tradução de Custódio Magueijo, 1986. Dans *L'Hermitime, un chef-d'œuvre bourré, lui aussi, de comparaisons, à un moment où Lucien recommande une nouvelle fois un esprit critique vigilant, on lit ce texte* : “Si tu procèdes à l'examen de ce qu'on te dira

2. Sócrates e Platão

A atenção crítica de Sócrates para a indefensabilidade que a argumentação sofre quando escrita, projetada, como numa pintura, é destacada por Pinheiro (2008); escrita rebatida num plano que ele expressa ilustrativamente como uma mesa sobre a qual esta projeção pode deslizar junto a alguma inclinação e não se mostrar em outra de suas faces:

Sócrates salienta que o texto, depois de escrito, *kylindeítai*, rola por todos os lados, e se dirige sem distinção para aqueles que estão aptos a ouvir e aqueles que não estão. O texto repete sempre a mesma coisa porque ele não sabe (*epístatai*) para quem se dirigir, nem sabe se defender. Ora, quem sabe se defender é aquele que pode (*phroneîn*) sobre o tema, aquele que tem o assunto inscrito em sua alma. Dessa forma, o texto precisa sempre do seu pai para explicar-se, para apresentar outros lados de si mesmo com o fim de que seja corretamente entendido.¹³

A ideia de ter que fazer um argumento se mostrar de lado, para evidenciar que ele é falado e não escrito e sabe para quem se dirige (no diálogo *Fedro*, 275e, 276e), e de que ele não é um fluxo *fixado* como numa pintura (*idem*), e ainda que ele não é mole e tenteante, reinclinando-se como as mil cabeças de serpente um monstro, que conforme Sócrates os sofistas mimetizam, não oferecendo pontos de apoio para a argumentação, está manifesta em outro diálogo, o *Filebo* (em 55c), onde os termos empregados são com efeito os mesmos. A expressão “de lado” na tradução, vem expressar a perspectiva implícita na obra falada, compreendida e portanto dizível de outro modo,

μη τοίνυν ἡδονῆς μὲν πάντως ἐξέτασιν πᾶσαν ἐπιχειρῶμεν ποιήσασθαι, νοῦ δὲ καὶ ἐπιστήμης οἷον φειδόμενοι σφόδρα φανῶμεν: γενναίως δέ, εἴ πῆ τι σαθρὸν ἔχει, πᾶν περικρούωμεν¹, ὡς ὅτι καθαρώτατόν ἐστ’ αὐτῶν φύσει, τοῦτο κατιδόντες εἰς τὴν κρίσιν

après avoir acquis une telle faculté et un tel art, tu réussiras ; sinon, sache que rien n'empêchera aucun d'eux de te mener par le bout du nez. Tu suivras, comme un mouton, le rameau qu'on te présentera ; ou plutôt tu ressembleras à de l'eau versée sur une table (τῷ επιτραπέζιῳ ὀδατι) : de quelque côté qu'on te veuille attirer, on t'y mènera avec le bout du doigt ; ou tu seras encore, par Zeus, comme le roseau qui a poussé sur le bord d'une rivière et qui se courbe à tout vent, pour peu qu'une légère brise souffle et l'agite” (Joly, 1991, p. 211).

13Cf. Pinheiro, Marcus Reis. 2008, p.10, ênfases nossos. Passagem do *Fedro* 275e: [275ε] γραφή, κυλινδεῖται μὲν πανταχοῦ πᾶς λόγος ὁμοίως παρὰ τοῖς ἐπαῖουσιν, ὡς δ’ αὐτως παρ’ οἷς οὐδὲν προσήκει, καὶ οὐκ ἐπίσταται λέγειν οἷς δεῖ γε καὶ μή. πλημμελούμενος δὲ καὶ οὐκ ἐν δίκη λοιδορηθεὶς τοῦ πατρὸς ἀεὶ δεῖται βοηθοῦ: αὐτὸς γὰρ οὐτ’ ἀμύνασθαι οὔτε βοηθῆσαι δυνατός αὐτῷ.

χρώμεθα τὴν κοινὴν τοῖς τε τούτων καὶ τοῖς τῆς ἡδονῆς μέρεσιν ἀληθεστάτοις.

Todavia, depois de havermos submetido (...) a um exame completo, não convém darmos a impressão de termos sido condescendentes com a inteligência e o conhecimento. Percutamo-los com energia *por todos os lados*, para ver se apresentam racha nalgum ponto, *até revelarmos o que há de mais puro em sua natureza*, de que nos utilizaremos juntamente com o que houver de mais verdadeiro neles e no (...), *para emitirmos sobre todos nosso juízo definitivo*.¹⁴

Este perspectivismo forçado a bem da superação de uma mera ou singular inclinação, leva Sócrates (no *Fédon*) a uma alternativa radical que lhe dará notoriedade junto ao pensamento platônico-pitagórico: “já se nos fez evidente que se queremos conhecer algo de modo puro, devemos deixar de lado o corpo e contemplar as coisas em si mesmas, por meio da alma somente”. Falando do futuro promissor do então jovem Isócrates, e do eventual desinteresse pelo que agora exercita, Sócrates frisa:

τῶν πάποτε ἀγαμένων λόγων, ἔτι τε εἰ αὐτῷ μὴ ἀποχρήσαι ταῦτα, ἐπὶ μείζω δέ τις αὐτὸν ἄγοι **ὀρμὴ θειότερα**: φύσει γάρ, ὦ φίλε, ἔνεστί τις φιλοσοφία [279β] τῆ τοῦ ἀνδρὸς διανοίᾳ.

no gênero de discursos em que presentemente se exercita, ele chegue a ultrapassar (...) quantos já se ocuparam com a eloquência. E mais: dado que venha a se desgostar dessa arte, *uma impulsão divina o arrastará* para coisas mais grandiosas; é que a natureza, amigo, põe certa filosofia na alma deste homem.¹⁵

A firmeza em uma opinião, que partiria de um tal ponto-de-vista algo ingênuo, impede a queda:

ἀλλ' ἐάν τις μοι λέγῃ [100δ] δι' ὅτι καλὸν ἐστὶν ὀτιοῦν, ἢ χρῶμα εὐανθὲς ἔχον ἢ σχῆμα ἢ ἄλλο ὀτιοῦν τῶν τοιούτων, τὰ μὲν ἄλλα χαίρειν ἐῶ, —**ταράττομαι** γὰρ ἐν τοῖς ἄλλοις πᾶσι—τοῦτο δὲ ἀπλῶς καὶ ἀτέχνως καὶ ἴσως εὐήθως ἔχω παρ' ἐμαυτῷ, ὅτι οὐκ ἄλλο τι ποιεῖ αὐτὸ καλὸν ἢ ἡ ἐκείνου τοῦ καλοῦ εἴτε παρουσία εἴτε κοινωνία εἴτε ὅπῃ δὴ καὶ ὅπως ἴπροσγενομένη: οὐ γὰρ ἔτι τοῦτο δυσχυρίζομαι, ἀλλ' ὅτι τῷ καλῷ πάντα τὰ καλὰ γίγνεται καλά. τοῦτο γάρ μοι δοκεῖ

14 Cf. Platão, *Filebo*, 55c. Tradução de Nunes, 1974, p. 165, ênfases nossos. Observemos que a separação e distinção (κρίσιν) pode se dar no interior de algo por alguma forçada projeção planificadora, achatadora, ou mesmo o fazer reclinar-se operado pelo médico, cf. infra; e vice-versa, quando retoricamente se ‘anima’ uma projeção em meio ao debate.

15 Cf. Platão, *Fédro* 279a; tradução Nunes, 1975.

ἀσφαλέστατον εἶναι καὶ ἑμαυτῷ ἀποκρίνασθαι καὶ ἄλλῳ, καὶ τούτου ἐχόμενος [100ε] ἠγοῦμαι οὐκ ἄν ποτε **πυσεῖν**, ἀλλ' **ἀσφαλές** εἶναι καὶ ἐμοὶ καὶ ὁτιοῦν ἄλλῳ ἀποκρίνασθαι ὅτι τῷ καλῷ τὰ καλὰ γίγνεται καλά: ἢ οὐ καὶ σοὶ δοκεῖ;

E se, para justificar a beleza de alguma coisa, alguém me falar de sua cor brilhante, ou da forma, *ou do que quer que seja, deixo tudo o mais de lado*, que só contribui para *atrapalhar-me*, e me atendo única e simplesmente, talvez mesmo com uma boa dose de ingenuidade, ao meu ponto de vista, a saber, que nada mais a deixa bela senão tão só a presença ou comunicação daquela beleza em si, qualquer que seja o meio ou caminho de se lhe acrescentar. De tudo o mais não faço grande cabedal; o que digo é que é pela beleza em si que as coisas belas são belas. Na minha opinião, essa é a maneira mais certa de responder, tanto a mim mesmo como aos outros. *Firmando-me nessa posição*, tenho certeza *de não vir a cair* e de que tanto eu como qualquer pessoa em idênticas circunstâncias poderá responder com segurança que é pela beleza que as coisas belas são belas. Não te parece? ¹⁶

Já na *República* é posto em consideração aquilo se prende a algo e dificulta sua apreensão pela alma, aquela apreensão privilegiada:

Quem o vir, não reconhecerá facilmente a sua natureza primitiva, devido ao tacto das partes antigas do seu corpo, umas se terem quebrado, outras estarem gastas, e todas deterioradas pelas ondas, ao passo que outras se sobrepuseram nela — conchas, algas, ou seixos — de tal modo que se assemelha mais a qualquer animal do que ao seu antigo aspecto natural. É assim também que nós vemos a alma, abatida por milhentos vícios, mas é para lá, ó Gláucon, que devemos olhar. — Para onde? [611e] — Para o seu amor da sabedoria, para o conhecimento dos objetos com que entra em contacto, a espécie de companhias que procura, uma vez que é aparentada com o divino, o imortal e o eterno, e para aquilo em que se tornaria, *se se voltasse toda para coisas dessa natureza, e se, arrebatada por esse impulso*, saísse do mar em que se encontra atualmente arrancando seixos e conchas — as numerosas e selvagens excrescências de terra e pedra que, em consequência destes festins bem-aventurados, como lhes chamam, nasceram em volta dela no seu estado atual, porque é de terra que ela se banqueteia. ¹⁷

16 Cf. Platão, *Fedão*, 100c-d, tradução Nunes, ênfases nossos.

17 Cf. Platão, *República*, 611, ênfases nossos.

3. Epicteto e os humores hipocráticos

Em Epicteto, a volubilidade, a inclinação para um lado qualquer¹⁸, está associada ao desejo. Seguiremos a edição crítica de Dinucci e Julien (2014) para o *Manual (Encheiridion)*:

[46.1] Jamais te declares filósofo (Cf. Diatribes IV.8.17 e 35). Nem, entre os homens comuns, fales frequentemente sobre princípios filosóficos [*Theorematon*, θεωρημάτων], mas age de acordo com os princípios filosóficos. Por exemplo: em um banquete, não discorra sobre como se deve comer, mas come como se deve (Cf. Diatribes I.13; I.14.20; III.21.5; IV.4.8.). *Lembra que Sócrates*, em toda parte, *punha de lado as demonstrações*, de tal modo que os outros o procuravam quando desejavam ser apresentados aos filósofos por ele. *E ele os levava!* (Cf. Diatribes III.23.22; IV.8.22, ênfases nossos)^{19 20}

Enquanto aqui a inclinação se substitui por algo equivalente a *indicação*, que é por sua vez posta em ato, numa dupla prevenção; as inclinações de atração e repulsão são e deverão ser, em conjunto, reduzidas²¹:

18 Cf. nota 22 de Dinucci & Julien, oposição entre *órexis* (desejo) e *ékkklisis* (repulsa).

19 Cf. Epicteto, *Encheiridion (Manual)*. Tradução e notas de A. Dinucci & F. Julien, 2012. Observamos que Epicteto segue, com os *teoremas* e *canones* (κανόνισι)(cf. *Encheiridion*, 46.1 e 1.5), o que Sócrates alertava, com os *paradigmas*, e que Cícero repetirá com os *decreta* e *praecepta*. A meditação e exame, portanto nada levianos, nos arvoramentos exemplares, – tal como também fez Aristóteles ao se perguntar sobre a divisibilidade do conceito de magnanimidade quando incluisse ao mesmo tempo homens tão díspares como Alcibíades e Ajax, Sócrates e Lisandro – recolhe no teorema o conjunto das experiências dos prosseguimentos de diferentes inclinações, tanto quanto elas podem ter afinal percebido este mesmo do qual diferiram.

20 Provável referência ao interesse de Hipócrates em conhecer Protágoras. Para a contenção da pretensão de avaliá-lo e assim impor-se ao interesse do jovem, Sócrates refreia o impulso de priorizar-se ou criticar, cf. “[48.b1] Sinais de quem progride: não recrimina ninguém, não elogia ninguém, não acusa ninguém, não reclama de ninguém. Nada diz sobre si mesmo – como quem é ou o que sabe. Quando, em relação a algo, é entravado ou impedido, recrimina a si mesmo. Se alguém o elogia, se ri de quem o elogia. Se alguém o recrimina, não se defende. Vive como os convalescentes, precavendo-se de mover algum membro que esteja se restabelecendo, antes que se recupere. [48.b2] Retira de si todo o desejo e transfere a repulsa unicamente para as coisas que, entre as que são encargos nossos, são contrárias à natureza. Para tudo, faz uso do impulso amenizado. Se parecer insensato ou ignorante, não se importa. Em suma: guarda-se atentamente como <se fosse> um inimigo traiçoeiro. E sua nota: *Aneiménē*: participio do verbo *aníēmi*, adjetiva o vocábulo “impulso”. A expressão é deste modo vertida por outros tradutores: “He exercises no pronounced choice in regard to anything” (Oldfather, 2000); “His impulses toward everything are diminished” (White, 1983); “Il fait usage de l’impulsion avec souplesse” (Gourinat, 1998); “Usa en todo um impulso no forzado” (García, 1995).

21 Trataria-se de um avanço ou mesmo salto, na abordagem do tema; Epicteto, como Aristóteles, detém-se bastante na inclinação como propensão. Compare-se o texto citado com o seguinte, dos *Discursos*: “(...) for what is greater and more useful than for you to be persuaded that it is not sufficient to have made your determination and not to change it. This is the tone (energy) of madness, not of health.—I will die, if you compel me to this.—Why, man? What has happened?—I have determined—I have had a lucky escape that you have not determined to kill me—I take no money. Why?—I have determined—Be assured

[2.1] Μέμνησο, ὅτι ὀρέξεως ἐπαγγελία ἐπιτυχία, οὐδ' ὀρέγη, ἐκκλίσεως ἐπαγγελία τὸ μὴ περιπεσεῖν ἐκείνῳ, ὃ ἐκκλίνεται, καὶ ὁ μὲν <ἐν> ὀρέξει ἀποτυγχάνων ἀτυχῆς, ὁ δὲ <ἐν> ἐκκλίσει περιπίπτων δυστυχῆς. ἂν μὲν οὖν μόνον ἐκκλίνης τὰ παρὰ φύσιν τῶν ἐπὶ σοί, οὐδενί, ὧν ἐκκλίνεις, περιπεσῆ· νόσον δ' ἂν ἐκκλίνης ἠθάνατον ἢ πενίαν, δυστυχῆσεις.[2.2] ἄρον οὖν τὴν ἐκκλίσιν ἀπὸ πάντων τῶν οὐκ ἐφ' ἡμῖν καὶ μετάθεσ' ἐπὶ τὰ παρὰ φύσιν τῶν ἐφ' ἡμῖν.

[2.1] Lembra que o propósito do desejo é obter o que se deseja, <e> o propósito da repulsa é não se deparar com o que se evita. Quem falha no desejo é não-afortunado. Quem se depara com o que evita é desafortunado. Caso, entre as coisas que são teus encargos, somente rejeites as contrárias à natureza, não te depararás com nenhuma coisa que evitas. Caso rejeites a doença, a morte ou a pobreza, serás desafortunado. [2.2] Então retira a repulsa de todas as coisas que não sejam encargos nossos e transfere-a para as coisas que, sendo encargos nossos, são contrárias à natureza. Por ora, (...)

Neste caso, a tradução não precisou repetir – e talvez não fosse o caso – a ênfase do texto grego nas formas como ἐκκλίνω (*bend out of the regular line, bend outwards*). Induzida ou generalizada no sentido mais abstrato de uma volubilidade, Epicteto exhibe então um antídoto exemplar:

(...) 51.2] Então, a partir de agora, como um homem feito e que progride, considera a tua vida merecedora de valor. E que seja lei inviolável para ti tudo o que se afigurar como o melhor. Então se uma tarefa árdua, ou prazerosa, ou grandiosa, ou obscura te for apresentada, lembra que essa é a hora da luta, que essa é a hora dos Jogos Olímpicos, e que não há mais nada pelo que esperar, e que, *por um revés ou um deslize*, perde-se o progresso ou o conserva. [51.3] Deste modo Sócrates realizou-se: de todas as coisas com que se deparou, não cuidou de nenhuma outra, exceto a razão. E tu, mesmo que não sejas Sócrates (Quanto à referência a Sócrates, cf. Diatribes III.23.21; Platão, *Críton*, 46 b4-c6), debes viver desejando ser como Sócrates.²²

that with the very tone (energy) which you now use in refusing to take, there is nothing to hinder you at some time from **inclining** without reason to take money and then saying, I have determined. As in a distempered body, subject to defluxions, **the humour inclines** sometimes to these parts, and then to those, so too a sickly soul knows not which way to **incline**: but if to this **inclination** and movement there is added a tone (**obstinate** resolution), then the evil becomes past help and cure". (*To or against those who obstinately persist in what they have determined. Discourses*, II, tradução George Long, 1890)

22 [51.2] ἤδη οὖν ἀξίωσον σεαυτὸν βιοῦν ὡς τέλειον καὶ προκόπτοντα· καιπᾶν τὸ βέλτιστον φαινόμενον ἔστω σοι νόμος ἀπαράβατος. κἂν ἐπίπονόν τι ἠῆδὴ ἔνδοξον ἢ ἄδοξον προσάγῃται, μέμνησο ὅτι νῦν ὁ

Essa firmeza tem dimensão que faz encontrarem-se âmbitos diversos: do humano e fisiológico ao físico e fisiológico ao divino:

Porque assim é, era e será a natureza do cosmo e não é possível os acontecimentos virem a ser de outro modo do que como são agora. Desse ciclo e metabolismo, não somente os homens e os outros seres vivos sobre a terra tomam parte, mas também [as coisas] divinas. E, por Zeus, mesmo os quatro elementos se dirigem para cima e para baixo, se metabolizando! A terra torna-se água; a água, ar, que, de volta, metaboliza-se em éter. Essas mesmas transformações [ocorrem também] de cima para baixo. [Assim,] *se alguém direcionar o pensamento para essas coisas e, espontaneamente, persuadir-se a acolher as coisas necessárias*, passará a vida com muita moderação e harmonia. (5 (134). Estobeu, *Florilegium* IV. 44, 60. Musonius, frag. 42 (H) De Rufo: a partir dos ditos de Epicteto sobre a amizade)²³

4. Arquimedes, Geminus, Pappus, os geômetras e seu dicionário. Movimentos.

O texto preservado por Estobeu, que explora o inclinar-se, o dobrar-se sobre si mesmo, como um dos resumos da contribuição de Sócrates – embora segundo Alcibiades ele passe toda uma noite meditando em pé²⁴ – dá ocasião à percepção deste cosmos em que os ciclos do corpo e os ciclos do cosmo estão interligados; o tipo de variação de uso não conta com o solo fixo, próprio da astronomia mais tardia, conveniente ainda com uma dissociação entre *logos* e *phýsis*, para o qual um outro sentido poderá ser figurado ou metafórico. Um movimento amplo e espontâneo de mudança de sentidos de base pode no entanto ser impulsionado por um só pensador, cuja forma de oferecer o que seriam os produtos de tratados se dá antes pela forma de tetralogias de diálogos, tal como classificam Trasilio e Diógenes Laércio. Assim têm-se alguns movimentos concorrendo: digamos primeiro, a evolução das teorias, compreensões cosmológicas e fisiológicas, acentuada ou catalizada por um pensador:

ἀγών, καὶ ὅτι ἤδη πάρεστι τὰ Ὀλύμπια καὶ οὐκ ἔστιν ἀναβάλεσθαι οὐκέτι, καὶ ὅτι παρὰ μίαν ἤτταν καὶ ἔνδοσιν καὶ ἀπόλλυται προκοπή καὶ σφύζεται. [51.3] Σωκράτης οὕτως ἀπετελέσθη, ἐπὶ πάντων προάγων ἑαυτὸν μηδενὶ ἄλλῳ προσέχων ἢ τῷ λόγῳ. σὺ δὲ εἰ καὶ μήπω εἶ Σωκράτης, ὡς Σωκράτης γε εἶναι βουλόμενος ὀφείλεις βιοῦν. Ênfase nosso.

23 Cf. Epicteto, op. cit.

24 Cf. Platão, *Banquete*, 220c.

Os dois gêneros de ciclos, fisiológicos e cósmicos (...) são ambos ativados pela cooperação de duas forças: de uma parte, uma força de irradiação localizada, pelo cosmos, nos astros, em particular no sol, e pelo organismo humano e animal nesse πηγή πυρός interior (78D) que são os vasos sanguíneos; e, de outra parte, a força de atração dos semelhantes, que reside, para o cosmos e para os seres vivos, nas afinidades de forma das partículas elementares. Platão insiste no parentesco dos ciclos fisiológicos com as correntes cósmicas sublinhando a identidade do processo, da restituição cíclica no organismo junto a esta do universo (ὁ δε τρόπος της πληρώσεως αποχωρήσεως τε γίνεται καθάπερ εν τ[ω] παντί παντός ή φορά γέγονεν. 81A), pela comparação da relação ligando a circulação do sangue ao organismo, à relação entre as correntes cósmicas e o cosmos (τα δε εναιμα... περιειλημμένα ὡσπερ υπ' ουρανού συνεστώτος εκάστου τοῦ ζώου. 81 A.) e pelo apresentar, enfim, esta imitação dos movimentos cósmicos pelo organismo como um efeito necessário de uma mesma série de causas (τήν τοῦ παντός αναγκάζεται μιμείσθαι φοράν. 81 B.).²⁵

Em segundo, digamos o movimento da linguagem que é solicitada e apropriada para descrever estes momentos ou mesmo sua transição:

Tendo considerado as origens, Moulinier examina o estado de ideias no período arcaico. (...) Desenvolve-se um novo conceito de *defilement* [poluição, desclassificação] durante o sétimo e sexto séculos? Esse é de fato o momento em que encontramos o testemunho de ideias do *defilement* do assassino e da impureza da morte; ambos aparentemente ausentes nos dias de Homero. Moulinier desenha lista de inovações deste período. Primeiro, há os rituais catárticos: os sacrifícios purificatórios - especialmente para assassinos, o ritual do *pharmakos*, a expulsão dos cadáveres dos santuários e dos perpetradores de sacrilégios; depois, figuras como Epimênides que eram purificadores; novas palavras como *euageos*, *ages*, *enages*, *amiantos*; e finalmente, a extensão de termos antigos para cobrir um significado mais moral e se aplicar a assuntos mais abstratos, por exemplo, a cidade pode agora ser descrita como “defiled”.”²⁶

Charles Mugler esclarece a evolução semântica e os embaraços para aqueles que tomam as pontas dos fios para retrançar âmbitos conceituais:

A natureza da realidade descrita por Platão, nas páginas 49A-53B, sob os nomes *υποδοχή*, *πανδεχές*, *τιθήνη*, *χώρα*, *έδρα* e por uma série de metáforas, causou dificuldades à interpretação desde a antiguidade.

25 Cf. Mugler, 1958, p.47.

26 Cf. J.-P. Vernant, 1990, p.123.

Aristóteles crê perceber contradições, tanto na relação entre esta realidade, o πανδεχές, e os elementos, os στοιχεία (3), quanto entre a identificação do τόπος com a χώρα numa parte (4), e a negação do vazio absoluto no sentido dos atomistas, de outra parte (5). No seu embaraço, os comentadores de Aristóteles se referem, para essa explicação dessas páginas do *Timeu*, ao ensinamento oral, aos ἀγραφα δόγματα ou aos ἀγραφοι συνουσίαι de Platão relativos ao substratum dos elementos e de suas figuras.²⁷

É a sedimentação média ou mínima de um substrato de pensamento e-ou de linguagem; a diferença entre os meios de tratamento, descritivos em tratados, ou personificadores para diálogos assistidos. Para este último movimento, seja uma elocução de Alcmeon preservada, nos *Problemas* de Aristóteles em suas tomadas ora poética – não de Platão ou de um típico filósofo em versos, como Empédocles mas – por Goethe, ora pelo helenista e filólogo C. Mugler. O tema é o fechamento do ciclo, o que pode ser interrompido em qualquer ponto, ou desviado, inclinado, para outra direção que a do ponto de início do ciclo que se fecharia e repetiria:

Dentre as proposições que a tradição preservou fragmentadas, da obra de Alcmeon, há uma que desde a antiguidade tocou a imaginação dos leitores. É o fragmento 2, conservado nos *Problemas* do *Corpus* aristotélico, onde o ilustre médico afirma que os homens perecem porque são incapazes de ligar o começo ao fim. Esta explicação da morte dos homens reteve a atenção não só dos filósofos e dos helenistas, mas também, dos poetas. Goethe alude o fragmento em dois versos de seu poema ‘Dauer im Wechsel’ (primavera de 1801) (...) Escusado será dizer que esta interpretação do aforismo de Alcmeon, que Goethe encontrou em um isolamento absoluto de toda documentação sobre o pensamento geral do crotoniata, é tão pessoal quanto livre. Mas se se concede de boa vontade ao poeta o direito de interpretar à sua maneira e de integrar no seu próprio pensamento uma proposição isolada de um pensador grego, o filólogo deve buscar fazer sair de seu isolamento, pelo atribuir-lhe um local na tradição relativa a seu autor, e interpretá-lo objetivamente em função dos dados filosóficos e científicos de seu tempo.²⁸

Desse modo podemos ler a terminologia geométrica grega, quando dicionariza histórica e tematicamente na geometria as definições de autores bastante afastados cronologicamente e, como parte de ainda outro movimento, desta vez de dupla via, tanto

27 Cf. Mugler, 1967, p. 211.

28 Cf. Mugler, 1958, p. 42.

abstrai desde casos particulares com termos apropriados – por exemplo desde práticas e ofícios – quanto inversamente oferece acepções técnicas de eficiência emprestável e de base para metáforas. Podemos assim então ler Heródoto com um sabor de uso original, de étimo primário, provavelmente lírico ou inato – “Os que vão a Heliópolis contentam-se em oferecer sacrifícios às duas divindades ali cultuadas. Em Paprémis observam-se as mesmas cerimônias e fazem-se os mesmos sacrifícios que nas outras cidades; mas quando o sol começa a declinar (καταφερός), um pequeno grupo de sacerdotes executa (...)” (Heródoto)²⁹; “To the use of wine also he was less addicted than was generally believed. ἦν δὲ καὶ πρὸς οἶνον ἦττον ἢ ἐδόκει καταφερός (Plutarco)³⁰; – e os geômetras, com outro sabor, agora tecnicamente superconstruído, condensador de cultivos, como num dicionário histórico de terminologia geométrica grega:

κλίμα. — *Indinatio, inclinasion, neigung, inclination.*

Nome designando a posição de uma reta, de um plano ou de um corpo sólido em relação a um plano; sinônimo de κλίσις, cp. esta palavra. Esta posição é mensurada por um ângulo. **Arquimedes**; ὥστε τὰν βάσιν αὐτοῦ καθ’ ἐν σημείον ἀπτεσθαι τὰς τοῦ ροῦ ἐπιφανείας, καὶ τοῦτο ἐν δ’ ἰσοῖς κλ’ μάτεσσι ποιήσει, κτλ. ... que a base do segmento reto do parabolóide de revolução toca a superfície do líquido em um só ponto ; e isso acontecerá para duas inclinações do corpo sólido. Corp. II, 10. **Pappus** ; ἐπίπεδον ἐκκλῖναι, ὥστε τὸ κλίμα αὐτοῦ ἐφ’ ἐν νεύειν σημείον δοθέντος ἀκλινοῦς ἐπιπέδου. dar a um plano uma inclinação tal que ele seja orientado em direção a um ponto único de um plano dado não inclinado. VIII, 15. Mas o mais frequentemente, **κλίμα** tem o sentido astronômico de “latitude geográfica”; assim **Geminus** : ὥστε καὶ τὰ μεγέθη τῶν ἡμερῶν καὶ τὸ κλίμα καὶ πάντα τὰ φαινόμενα τὰ αὐτὰ διαμένειν. de maneira que *longueur du jour*, latitude geográfica e todos os fenômenos celestes retem sensivelmente os mesmos (sc. sur une etendue de 400 stades). Elem. V, 58; et passim. **Pappus**: ὅτι μὲν οὖν ἐν παντὶ κλίματι... ὀρθότερα ἀναφέρεται λέοντας παρθένος, δειχθήσεται οὕτως. VI, 115; et passim.³¹

29 Cf. Heródoto, *História*, II, 63. Tradução de J. Brito Broca. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson editores, 1950.

30 Cf. Plutarco, *Alexandre*, 23, 1-2.

31 Cf. Mugler, *Dictionnaire historique de la terminologie géométrique des Grecs*. 1958.

5. Pitagorismo

A inclinação volúvel ou suscetível, assimilável ao que se mostra errante – errante no mundo, um tipo de homem; errante no céu, o planeta – que toma seu nome de *plânastai* (πλανᾶσθαι), errante. A visão pitagórica expressa nas *Leis* de Platão, porém, corrige esta impressão homérica corrente:

Ἀθηναῖος

πειρατέον. οὐ γάρ ἐστι τοῦτο, ὃ ἄριστοι, τὸ δόγμα ὀρθὸν περὶ
σελήνης τε καὶ ἡλίου καὶ τῶν ἄλλων ἄστρον, ὡς ἄρα πλανᾶται ποτε,
πᾶν δὲ τοῦναντίον ἔχει τούτου—τὴν αὐτὴν γὰρ αὐτῶν ὁδὸν ἕκαστον
καὶ οὐ πολλὰς ἀλλὰ μίαν ἀεὶ κύκλῳ διεξέρχεται, φαίνεται δὲ πολλὰς
φερόμενον—τὸ δὲ τάχιστον αὐτῶν ὄν βραδύτατον οὐκ ὀρθῶς αὐ
δοξάζεται, τὸ δ' ἐναντίον

ATH. Eu devo tentar. A opinião, meus amigos, de que o Sol e a Lua e o resto dos astros “vagueia” não é correta; a verdade é precisamente o oposto. Cada um deles viaja sempre em círculo na mesma trilha (*path*), — não em muitas trilhas; e o mais rápido dos astros é erradamente tido como o mais lento, e vice-versa.³²

6. Epicteto novamente

Aos quadros da inclinação, da perspectiva, da mistura ao terreno, soma-se a reflexão, com Epicteto seguindo Sócrates, sobre um si mesmo.

[5a] As coisas não inquietam os homens, mas as opiniões sobre as coisas. Por exemplo: a morte nada tem de terrível, ou também a Sócrates teria se afigurado assim, mas é a opinião a respeito da morte — de que ela é terrível — que é terrível. Então, quando se nos apresentarem entraves, ou nos inquietarmos, ou nos afligirmos, jamais consideremos outra coisa a causa, senão nós mesmos — isto é: as nossas próprias opiniões.³³

7. Sócrates e Platão novamente

O espectro da oscilação planetária se dá no homem, caracterizando a pertinência da noção ou a regência do conceito em ambos estes âmbitos:

32 Cf. Platão, *Leis*, VII, 822a.

33 Cf. Epicteto, *Encheiridion*, 2012, 5.a. Ταράσσει τοὺς ἀνθρώπους οὐ τὰ πράγματα, ἀλλὰ τὰ περὶ τῶν πραγμάτων δόγματα· οἷον θάνατος οὐδὲν δεινόν (ἐπεὶ καὶ Σωκράτει ἄν ἐφαίνετο), ἀλλὰ τὸ δόγμα τὸ περὶ τοῦ θανάτου, διότι δεινόν, ἐκεῖνο τὸ δεινόν ἐστίν. ὅταν οὖν ἐμποδιζώμεθα ἢ ταρασσώμεθα ἢ λυπώμεθα, μηδέποτε ἄλλον αἰτιώμεθα, ἀλλ' ἐαυτούς, τοῦτ' ἐστὶ τὰ ἐαυτῶν δόγματα.

Sendo assim, quem quiser exercer a arte da retórica, de início terá de distinguir os dois caminhos e ficar conhecendo os respectivos caracteres, tanto *o em que a opinião fica forçosamente a flutuar* [πλανᾶσθαι, πλανάω — *cause to wander*] como o em que tal não acontece.³⁴

8. Epicteto, Epicuro e Galeno

Esclarecendo a assimilação tanto filosófica quanto fisiológica, na medida em que a reversão sobre si mesmo força alguma confluência daqueles âmbitos, Epicteto mostra que transições entre linhas virtuais de inclinação são cobertas ou regidas por paradigmas ou teoremas:

[46.1] Μηδαμοῦ σεαυτὸν εἴπης **φιλόσοφον**, μηδὲ λάλει τὸ πολὺ ἐν ιδιώταις **περὶ θεωρημάτων**, ἀλλὰ ποίει τὸ ἀπὸ τῶν **θεωρημάτων** οἷον ἐν συμποσίῳ μὴ λέγε πῶς δεῖ ἐσθίειν, ἀλλ' ἐσθιε ὡς δεῖ. μέμνησο γάρ ὅτι οὕτως ἀφηρήκει πανταχόθεν Σωκράτης τὸ ἐπιδεικτικόν ὥστε ἦρχοντο πρὸς αὐτὸν βουλόμενοι φιλοσόφοις ὑπ' αὐτοῦ συσταθῆναι, κάκεινος ἀπήγεν [46.2] αὐτοῦς, οὕτως ἠνείχετο παρορώμενος. κἂν περὶ **θεωρημάτων** τινος ἐν ιδιώταις ἐμπίπῃ λόγος, σιώπα τὸ πολὺ· μέγας γάρ ὁ κίνδυνος εὐθὺς ἐξεμέσαι, ἃ οὐκ ἔπεπας. καὶ ὅταν εἴπῃ σοὶ τις ὅτι οὐδὲν οἶσθα καὶ σὺ μὴ δηχθῆς, τότε ἴσθι ὅτι ἄρχῃ τοῦ ἔργου. ἐπεὶ καὶ τὰ πρόβατα οὐ χόρτον φέροντα τοῖς ποιμέσιν ἐπιδεικνύει πόσον ἔφαγεν, ἀλλὰ τὴν νομὴν ἔσω πέψαντα ἔρια ἔξω φέρει καὶ γάλα· καὶ σὺ τοί νυν μὴ τὰ **θεωρήματα** τοῖς ιδιώταις ἐπιδείκνυε, ἀλλ' ἀπ' αὐτῶν πεφθέντων τὰ ἔργα.

[46.1] Jamais te declares filósofo. Nem, entre os homens comuns, fales frequentemente sobre princípios filosóficos, mas age de acordo com os princípios filosóficos. Por exemplo: em um banquete, não discorras sobre como se deve comer, mas come como se deve. Lembra que Sócrates, em toda parte, punha de lado as demonstrações, de tal modo que os outros o procuravam quando desejavam ser apresentados aos filósofos por ele. E ele os levava! [46.2] E dessa maneira, sendo desdenhado, ele ia. Com efeito, caso, em meio a homens comuns, uma discussão sobre algum *princípio filosófico* sobrevenha, silencia ao máximo³⁵, pois o perigo de vomitar imediatamente o que não *digeriste* é grande³⁶. E quando alguém te falar que nada sabes e não te morderes, sabe então que começaste a ação. Do mesmo modo que as ovelhas não mostram o quanto comeram, trazendo a forragem ao pastor, mas, tendo digerido internamente o pasto, produzem lã e leite,

34 Cf. Platão, *Fedro*, 263b. Tradução Nunes, 1975, p. 77, ênfase nosso.

35 Cf. *Diatribes* I.29.32; III.13.7; III.14.2; IV.4.26; *Encheiridion* 33.2; Juvenal, *De Stoic.* II.14.

36 Cf. *Diatribes* II.9.17 ss.; III.21.1.

também tu *não mostres os princípios* filosóficos aos homens comuns, mas, após tê-los *digerido*, <mostra> as ações.³⁷

Como observado na nota à mesma citação³⁸, com diferente ênfase, seja o mesmo bem valendo como princípio de ação versus uma inicial inclinação, princípios por ela semelhantes, em Epicteto, Epicuro e Galeno:

O que então é isso para você? É o poder de fazer uso de *appearances hindered*? E quem o previne de usar de acordo com a inclinação da natureza para algo e aversão desde ela; e movimento para algo e movimento desde esse algo? Que confusão é capaz de fazer isso?³⁹

(XXV) (148) Se em cada ocasião em vez de submeter tuas ações ao objetivo da natureza preferires voltar-te para qualquer outro padrão de referência mais próximo quando estiveres fazendo uma escolha ou rejeição, tuas ações não se coadunarão com teus princípios.⁴⁰

Uma certa inclinação para, ou, por assim dizer, um apetite por sua própria qualidade especial, e uma aversão a, ou, como se fosse, da qualidade exterior. E é natural que quando eles sintam uma inclinação eles devam atrair, e que quando sintam aversão eles devam expulsar.⁴¹

9. Sentido e aceção clínico-médico

Finalmente, o aspecto de inclinação, que transita portanto, do sentido geométrico e astronômico (κλίμα, κλίσις – cf. Mugler, 1958⁴²; Bailly, 2000), passa também pelo sentido clínico-médico (κλινικός – “que concerne ao leito, donde: 1 ó κλ., médico que visita os doentes acamados (...)”) aos sentidos moral e psíquico, em κλίνω, longo

37 Cf. Epicteto, *Encheiridion*, p.63-64, tradução e notas Dinucci & Julien, 2008, ênfases nossos.

38 Cp. *supra*, seção 3, p.8, ao trecho de *Para ou contra aqueles que obstinadamente persistem no que determinaram*. (Epicteto, *Discursos*, II).

39 Cf. Epictetus. *The Discourses of Epictetus, To those who are desirous of passing life in tranquillity*, 4, 4. George Long translator. τί οὖν πρὸς σέ; μή τι καὶ δύναμις ἢ ταῖς φαντασίαις χρηστική; καὶ τίς σε κωλύει ὀρέξει καὶ ἐκκλίσει χρῆσθαι κατὰ φύσιν, ὄρμη καὶ ἀφορμῇ; ποῖος θόρυβος πρὸς τοῦτο ἰκανός;

40 Cf. Diogenes Laertius. *Lives of Eminent Philosophers*. 10, 1. [148] [χχf.] Εἰ μὴ παρὰ πάντα καιρὸν ἐπανοίσεις ἕκαστον τῶν πραττομένων ἐπὶ τὸ τέλος τῆς φύσεως, ἀλλὰ προκαταστρέψεις εἴ τε φυγὴν εἴ τε δίωξιν ποιούμενος εἰς ἄλλο τι, οὐκ ἔσονται σοι τοῖς λόγοις αἱ πράξεις ἀκόλουθοι.

41 Cf. Galen, *On natural faculties*, III, 6. σχεδὸν ἅπασιν ἔφεςιν μὲν τινα [p. 248] καὶ οἷον ὀρεξίν τῆς οἰκείας ποιότητος, ἀποστροφὴν [p. 160] δὲ τινα καὶ οἷον μῖσός τι τῆς ἀλλοτρίας. ἀλλ' ἐφιέμενα μὲν ἔλκειν εὐλογον, ἀποστρεφόμενα δ' ἐκκρίνειν. κάκ τούτων πάλιν ἢ θ' ἐλκτική δύναμις ἀποδείκνυται καθ' ἅπαν ὑπάρχουσα καὶ ἡ προωστική.

42 Ver também os dois verbetes seguintes, **κλίνεσθαι**. — *Inclinari. etre incline, geneigt sein, to be inclined*; e **κλίσις**. — *Inclinatio, inclinasion, neigung, inclination*.

verbete com “(...) fazer dobrar, fazer flexionar, *donde*: 1 deslocar [déplacer] ἔχ τοῦ ἀριστερῶν ἐπὶ τὰ δεξιῶν, PLAT. *Tim.* 77 da esquerda à direita || (...) [e logo à frente:] SOPH. *Ant.* 1343, eu não sei a que lado (esquerda ou direita) devo me voltar || 3 *abs.* desviar do caminho certo, *donde* se desviar, se desvairar [/extraviar], errar, *em falando de um navio*, THGN. 854 || (...)” (Bailly, 2000, p.1103). Desde *clísis* notar a seguir *ekklisis* – como visto na nota de Dinucci sobre Epicteto, *supra* 3.1.3.: “Orexis é o nome da ação do verbo oregeo, que apresenta o significado de ‘estender ou tender na direção de algo’ (por exemplo: estender as mãos para o céu ou para pedir algo a alguém), de onde ‘desejo’, ‘apetite’. Uma forma de apreender da maneira mais precisa possível seu significado é ter em conta que orexis se opõe a *ekklisis*, que expressa o movimento contrário, o de afastar-se” [ênfase nosso].

10. Epicteto e a legalidade

Relacionando às diferentes perspectivas que distrairiam a sua, mas que lhe formam, desde seu paradigma, balizas, Epicteto reconhece seu duplo valor pessoal e legal: “[50] Respeita todas as coisas que foram expostas como se fossem leis; como se cometesses uma impiedade se as transgredisses. E se alguém falar algo de ti, não dê atenção, pois isso não é mais <ação> tua”.⁴³

11. Epicuro e Lucrécio

Em Epicuro o ajuste na direção através de uma inclinação se dá através de precisão técnica para obter um valor cosmológico. Sigamos entre tantos outros Rambaux (1993):

o clinamen : a declinação ou desvio dos átomos. Epicuro havia sustentado que, no vazio, os átomos entregues a si mesmos caíam seguindo trajetórias paralelas, mas que em um momento indeterminado tal ou qual dentre eles podia **declinar e desviar** um pouco. Ele havia visto ao mesmo tempo a origem dos choques e das combinações que haviam chegado à constituição de nosso mundo, e o fundamento da liberdade (cf. Lucr. *DRN.* II, 216-291 ; Cic. *Fat.* 22-23). Estes pontos são fundamentais para seu sistema. No entanto foram vivamente criticados desde a antiguidade. (ênfase nosso)⁴⁴

43 Cf. Epicteto, *op. cit.*, p. 60-61.

44 Cf. Rambaux (1993).

12. Pirro e Sexto Empírico; Diógenes Laércio

Arrepsia (ἀρρηψία), definida como *equilibrium* (LSJ) está presente em Diógenes Laércio (9.74) e ainda em Sexto Empírico (P.I,190). O equilíbrio se diz pela *não precipitação*. Vejamos Diógenes Laércio:

[74] Διετέλουν δὴ οἱ σκεπτικοὶ τὰ τῶν αἰρέσεων δόγματα πάντ' ἀνατρέποντες, αὐτοὶ δ' οὐδὲν ἀπεφαίνοντο δογματικῶς, ἕως δὲ τοῦ προφέρεσθαι τὰ τῶν ἄλλων καὶ διηγεῖσθαι μηδὲν ὀρίζοντες, μηδ' αὐτὸ τοῦτο. ὥστε καὶ τὸ μὴ ὀρίζειν ἀνήρουν, λέγοντες οἷον Οὐδὲν ὀρίζομεν, ἐπεὶ ὄριζον ἄν: προφερόμεθα δέ, φασί, τὰς ἀποφάσεις εἰς μήνυσιν τῆς ἀπροπτωσίας, ὡς, εἰ καὶ νεύσαντας, τοῦτο ἐνεδέχετο δηλῶσαι: διὰ τῆς οὖν Οὐδὲν ὀρίζομεν φωνῆς τὸ τῆς ἀρρηψίας πάθος δηλοῦται: ὁμοίως δὲ καὶ διὰ τῆς Οὐδὲν μᾶλλον καὶ τῆς Παντὶ λόγῳ λόγος ἀντίκειται καὶ τῶν ὁμοίων. 98

[74] Então os cétricos empenhavam-se constantemente em demolir todos os dogmas das escolas, e nunca se expressavam dogmáticamente. Limitavam-se a enunciar e a expor os dogmas dos outros sem jamais chegar a definições, não afirmando sequer que não faziam qualquer definição. Sendo assim, eliminavam até o não-definir, e portanto nada afirmavam: “Nada definimos”. Porque, se assim não fosse estariam dessa maneira dando uma definição. Eles dizem: “Apresentamos as teorias dos outros para indicar em seguida nossa atitude isenta de *precipitação*”, como se lhes fosse possível indicá-la com um simples aceno de cabeça. Com a expressão “Nada definimos” indicam seu estado espiritual de equilíbrio. Essa atitude é também expressa por outra sentença: “Não mais (uma coisa do que outra)”, ou com outra em que a cada proposição se contrapõe uma outra proposição.⁴⁵

13. Agostinho

Já em Agostinho, a inclinação tem um personagem inesperado, diferente do si mesmo, da culminação da subjetividade – que, se estava presente nos outros autores platônicos e estóicos, era elegante na sua imposição a mais discreta : para definir a graça, Agostinho utiliza o mesmo vetor de inclinação e tendência que já a geometria de

45 Cf. Diógenes Laértius. *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*, IX, 11, 74 (Pirro). Introdução, tradução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 1988. Cf. também a tradução de R.D.Hicks, 1972: “but we put forward, say they, all the theories for the purpose of *indicating our unprecipitate attitude* (...) *indicated their state of even balance*” (Diogenes Laertius, *Lives of Eminent Philosophers*, IX, 11, 74 (Pyrrho)). Ênfases nossos.

Platão fazia converter num ponto sob o termo *simballein*, para definir a graça divina como este vetor – um impulso – de ajuste na inclinação que impele para a sintonia com a vontade divina. Aos sentidos físicos e morais se cruzam com reflexões que assimilam o vício, oposto a uma retidão natural, ao determinismo ou fatalismo de providência de tipo estóico.

Se essa *inclinação* para os bens inferiores fosse natural à vontade, isto é, necessária, então não haveria culpa alguma no homem. O movimento pelo qual uma pedra é impelida e cai é-lhe natural; mas o movimento da alma em direção às coisas inferiores não é; diferentemente da pedra, ela pode detê-lo⁴⁶.

Trata-se nesta exposição de um modo praticamente vetorial, próprio de física, isto é composto de segmento, direção e força. Mesmo uma exegese contemporânea não pode evitar esta sobreposição hermenêutica que no entanto se impõe pela própria natureza da inclinação disseminada ou esquartejada nas disciplinas, áreas e terminologias próprias e figuradas, reciprocamente indispensáveis para atendimento da plenitude do quase-conceito inclinação. Expondo as definições de livre-arbítrio e graça em Agostinho, Pirateli & Melo (2011), conclui sobre a primeira noção:

Em consequência do pecado, promovido pelo mau uso do livre arbítrio, a alma decaída não mais pode se salvar por suas próprias forças, pois o querer não é suficiente, é preciso poder. Isso posto, a teoria do pensador cristão centrou-se na incapacidade do homem caído e, da indispensabilidade da graça redentora como socorro divino outorgado por Deus ao livre arbítrio. Se a ação do Homem evidenciasse no livre arbítrio, a graça constituía-se na ação de Deus. Nisto constituíram os fundamentos básicos da doutrina da graça tão marcante no Bispo de Hipona.⁴⁷

O registro francamente teológico do trecho acima escolhido exhibe ainda assim, apesar e por virtude mesmo deste êxito abituado, as componentes vetoriais de força e queda, aparecendo destacadas de seu contexto físico e pelo primeiro registro incorporadas. De fato, dentre várias fórmulas definidoras e utilitárias da noção de graça,

46 Cf. Pirateli & Pereira Melo (2011) *apud* CUNHA, Mariana Palozzi Sérvulo da. O movimento da alma: a invenção por Agostinho do conceito de vontade. Porta Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção Filosofia, 123); p. 75, ênfase nosso.

47 Cf. Pirateli, op. cit., p. 7 de 12.

a formulação seguinte recupera a complexidade do imbricamento disciplinar: *A graça é um impulso que vem se somar à vontade humana ajustando-a infalivelmente na direção do bem.*⁴⁸ Com ela o sentido e o eco que faz e tem com a concepção grega anterior de cosmos fica reavivado; seu diálogo implícito com uso semelhante por Epicuro e mesmo o pensamento democritiano recupera presença no horizonte conceitual.

14. Para – não – concluir

Como um apêndice moderno que vêm ligar-se às ocorrências antigas, conviria não desprezar uma menção e retrabalho do quadro problemático que enseja o *clinamen*, a *graça*, operado por Immanuel Kant. Na obra *Sobre o céu*, de 1755, da fase pré-crítica, o quadro grego de uso tanto no âmbito do *logos* quanto no âmbito da *phýsis* se repete na medida em que o corpo celeste é paciente de uma ação e este quadro, na fase Crítica, pode tomar esta conotação que chamamos psicológica, correspondente então a um corpo vivo e humano. Kant repensa o problema tomado por Epicuro; ressalta que as órbitas dos planetas estando todas num plano geral chamado eclíptica, eles podem desviar desse plano somente um pouco, o que comporá a sua mínima liberdade, que deriva de um arranjo sistemático entre todos. Nesta obra menos lida, um uso da hipérbole permite semelhar a mudança fina de inclinação, como no *clinamen*⁴⁹:

Portanto, se um corpo é deixado livre à influência deste impulso que o leva a mergulhar na direção do sol ou de algum outro planeta, então ele cairá na sua direção com movimento constantemente acelerado com esta mesma massa. No entanto, se ele ganha um impulso (*gets a push*) direcionando-o para o lado, então, se este impulso (*that push*) não é poderoso o suficiente para atingir um equilíbrio exato com a força de mergulho (*the sinking force*), o corpo mergulhará rumo à massa central com um movimento curvo. E se, antes do corpo que mergulha tocar a superfície externa da massa central, o ímpeto (*impulse*) impresso nele tenha crescido ao menos forte o bastante para desviar (*to shift it*) da linha vertical cerca de metade da espessura do

48 Cf. Costa, José Silveira, aula de filosofia medieval, Uerj, 1997.

49 Finally, came the eddies, which arose from *the confused movement of the atoms*, a major part of the theories of Leucippus and Democritus. We will meet them also in our theory. *But such a close affinity with a theory which was the true theory of atheism in ancient times does not lead mine to be grouped in the company of their errors.* Even with the most foolish opinions which can win popular applause, sometimes there is some truth to remark upon. A false basic assumption or a pair of unexamined coordinating principles lead people from the footpath of truth through unnoticed misdirections right into the **abyss**. (p.14, ênfases nossos)

corpo no ponto médio, então ele não tocará esta superfície, mas após ter oscilado (*swung*) próximo dele, irá, graças à velocidade adquirida em sua queda, ser levantado de volta tão longe quanto caiu, de modo a continuar sua trilha em um movimento circular contínuo.⁵⁰ (p. 32, ênfases nossos)

Kant introduz um desvio que evita o choque iminente segundo a atração de massas atuando reciprocamente em uma linha reta; e introduz ainda outro desvio, quanto ao centro para o qual o corpo cairia, caso a aceleração da atração retifique sua trajetória parabólica de queda em elipse e desta em círculo, proporcionais à conversão, ainda e sempre sob efeito da atração, da direção de queda em direção orbital.

E precisando as condições do desvio, redefina:

Quando então um certo número de corpos celestes, ordenados em torno a um ponto médio comum, e movendo-se em torno dele, são ao mesmo tempo restringidos a um certo plano, de modo que eles tenham mínima liberdade para desviar para os dois lados deste plano, e quando o desvio ocorre gradualmente somente com aqueles que estão mais distantes do ponto médio e participam menos nas interconexões do que outros, então digo que estes corpos estão ligados em um arranjo sistemático. (*idem*, p.33)

Poderemos supor que esta observação astronômica, já descrita em seus termos, terá, na fase crítica, uma segunda tonalidade de leitura, valendo igual e renovadamente para o âmbito comportamental e moral e, nesse caso, que o problema antigo se mantém, impelindo ao pensamento uma outra definição, quadro, forma, desde um quase-conceito?

Referências bibliográficas:

- BERNARD, Paul. Department of sociology, Université de Montréal. Social cohesion: a dialectical critique of a quasi-concept. Disponível em: www.omiss.ca/english/reference/pdf/pbernard.pdf Acesso em março-2019.
- DIOGENES LAERTIUS. *Lives of Eminent Philosophers*. R.D. Hicks. Cambridge: Harvard University Press. 1972 (First published 1925).
- EPICTETO. *O Encheiridion de Epicteto*. Edição bilingue. Introdução, tradução e notas, Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão-SE: primeira edição, 2012.
- EPICTETUS. *The Discourses of Epictetus, with the Encheiridion and Fragments..* George Long. translator. London: George Bell and Sons., 1890

50 Cf. *Universal natural history and theory of the heavens*, 1755, p. 32.

- GALEN. *On the Natural Faculties*. A.J. Brock. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1916.
- HERÓDOTO, *História*, II, 63. Tradução de J. Brito Broca. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson editores, 1950.
- JOLY, Robert. L'eau sur la table. Lorsque Lucien éclaire Hippocrate. In: *L'antiquité classique*, Tome 60, 1991. pp. 208-213; doi : <https://doi.org/10.3406/antiq.1991.2317> https://www.persee.fr/doc/antiq_0770-2817_1991_num_60_1_2317
- KANT, Immanuel. *Universal natural history and theory of the heavens or essay on the constitution and the mechanical origin of the whole universe according to Newtonian principles*. 1755. Disponível em: <<http://users.clas.ufl.edu/burt/.../Kantuniversalnaturalhistory.pdf> > Acesso em abril-2019.
- MUGLER, Charles. *Alcméon et les cycles physiologiques de Platon*. In: *Revue des Études Grecques*, tome 71, fascicule 334-338, Janvier-décembre 1958. pp. 42-50. doi: 10.3406/reg.1958.3533. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/reg_0035-2039_1958_num_71_334_3533>. Acessado em fevereiro-2015.
- _____. *Dictionnaire historique de la terminologie géométrique des Grecs*. Paris: Klincksieck, 1958.
- PERINI-SANTOS, Ernesto. Conteúdo não conceitual, holismo e normatividade. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 45, n. 110, p. 238-263, Dec. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2004000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2004000200004>.
- PINHEIRO, Marcus Reis. *O Fedro e a escrita*. In ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA, vol. 2 no. 4, 2008. ISSN 1982-5323.
- PIRATELI, Marcos Roberto; PEREIRA MELO, José Joaquim. Definições de *livre arbítrio* e *graça* em Agostinho de Hipona: subsídios para a moral na antiguidade Cristã. In: *Anais Da X Jornada De Estudos Antigos E Medievais*, 2011. doi: 10.4025/10jeam.ppeuem.03048
- PLATÃO. *Fedão*. Versão eletrônica do diálogo platônico "Fedão". Tradução: Carlos Alberto Nunes. Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia) Homepage do grupo: <<http://br.egroups.com/group/acropolis/>> Acesso em agosto-2015.
- _____. *Fedro – Cartas – O primeiro Alcibiades*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. (*Diálogos*. vol. V. Coleção Amazônica / Série Farias Brito). Belém: Universidade Federal do Pará, 1975.
- _____. *República*. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.
- RAMBAUX, Claude. Lucrèce, DRN II, 216-291 : le clinamen n'est-il qu'un artifice ?. In: *Vita Latina*, N°130-131, 1993. pp. 28-34; doi : <https://doi.org/10.3406/vita.1993.896> https://www.persee.fr/doc/vita_0042-7306_1993_num_130_1_896

SEXTO EMPÍRICO. *Contra os Retóricos*. Tradução, apresentação e comentários Rafael Huguenin e Rodrigo Pinto de Brito. Edição bilíngue. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mith and society in ancient Greece*. New York: Zone books, 1990.

Recebido em janeiro 2019

Aceito em maio 2019